

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Sônia Maria Marmitt Zambeli

“O que a Literatura Infantil nos revela sobre a Morte”

PORTO ALEGRE
2014

Sônia Maria Marmitt Zambeli

O que a Literatura Infantil nos revela sobre a Morte

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil do Programa de Pós-graduação Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do rio Grande do sul.

Orientadora:

Profa. Gládis Elise Pereira da Silva
Kaercher

PORTO ALEGRE

2014

Para minha família, pela paciência e pelo amor que sempre demonstram, mesmo nos momentos mais difíceis.

Principalmente ao meu marido, companheiro e amante, que sempre me incentivou a desvendar novos horizontes e a nunca desistir.

Aos meus filhos, que sempre me ajudaram no momento de usar a tecnologia a meu favor. Saibam que eu os amo muito!

A minha mãe que partiu no decorrer deste curso, o que acabou motivando a continuar com este trabalho.

“Cada pessoa que passa em nossa vida, passa sozinha, é porque cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra! Cada pessoa que passa em nossa vida passa sozinha e não nos deixa só porque deixa um pouco de si e leva um pouquinho de nós. Essa é a mais bela responsabilidade da vida e a prova de que as pessoas não se encontram por acaso”.

Charles Chaplin

Resumo

A abordagem da morte constitui um dos temas mais difíceis de serem encontrados na literatura infantil contemporânea. A morte aparece no cotidiano de nossas crianças, quase que corriqueiramente, e nós adultos velamos este assunto ao tratar com as crianças, na tentativa de protegê-las, deixando-as desamparadas sem compreender o que de fato está acontecendo ao seu redor, usando clichês para falar sobre este assunto. A morte também ocorre no contexto escolar, nos meios de comunicação, na vida em geral. Selecionei doze livros de literatura infantil que abordam este tema para dar suporte aos trabalhos que poderão ser desenvolvidos na Educação Infantil.

Palavras chaves: Educação Infantil- Morte- Literatura Infantil

Abstract

The approach to death is one of the toughest subjects to be found in contemporary children's literature. The death appears in daily life of our children, almost routinely, and adults we do not speak about this issue when dealing with kids, trying to protect them, leaving them helpless, without understanding what is actually happening around them using clichés to speak on this subject. The death also occurs in the school environment, in the media, in life in general. I selected twelve books of children's literature that discuss this issue to support the work that may be developed in Early Childhood Education.

Keywords: Education Child- Death - Children's literature

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Lembrança de Velório Infantil.....	7
Figura 2 - Lembrança Velório Infantil 2	8
Figura 3 - Lembrança Velório Infantil 3	8
Figura 4 - Livro Esperando Mamãe.....	20
Figura 5 - Livro Até passarinho passa	21
Figura 6 - Livro O vestido	24
Figura 7 - Livro Se um dia eu for embora.....	25
Figura 8 - Livro Vó Nana	25
Figura 9 - Livro O ovo e o vovô.....	27
Figura 10 - Livro Só um minutinho.....	29
Figura 11 - Livro Contos de Morte Morrida	30
Figura 12 - Livro A Velhinha que dava nome as coisas.....	31
Figura 13 - Livro Quando eu era pequena.....	34
Figura 14 - Livro Vovô foi viajar	35
Figura 15 - Livro O guarda-chuva do vovô.....	36
Figura 16 - Gráfico: Temática Recorrente.....	38

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. SERÁ QUE DEPOIS QUE MORREMOS VIVEMOS FELIZES PARA SEMPRE?	3
2.1. PEQUENO RELATO SOBRE A MORTE	3
2.2. A MORTE NA HISTÓRIA	3
2.3. LITERATURA INFANTIL E A MORTE	5
3. REGISTROS DA MORTE	7
4. TRABALHADORES DA MORTE	11
5. OS CORPOS DE ANÁLISE	18
5.1. MORTE / VAZIO	19
5.2. VIDA / MORTE / VIDA	22
5.3. BURLANDO A MORTE	28
5.4. MEMÓRIAS	33
6. EXUMANDO OS LIVROS DE LITERATURA INFANTIL	37
7. CONCLUSÃO	40
8. REFERENCIAS	41

1. INTRODUÇÃO

A Morte nas escolas, e principalmente na educação Infantil permanece velada, porque a nossa cultura não a incorpora como término do ciclo natural da vida. Lembro-me, de quando iniciei minha carreira profissional, trabalhava com a alfabetização tradicional e solicitei que as crianças escrevessem e desenhassem uma frase sobre a palavra “viúva” (eu sei, foi uma palavra horrível, mas eu tinha dezoito anos e nenhuma experiência à época!).

Quase todos os alunos escreveram a viúva é legal, é bonita e assim por diante. Mas uma aluna escreveu a seguinte frase: “Vovó é viúva do vovô.” E desenhou a avó ajoelhada ao lado do caixão rezando pela alma do vovô. No outro dia fui chamada na direção – era uma instituição de ensino particular de vocação religiosa católica – para prestar esclarecimentos. Na sala se encontrava o avô, que não havia morrido a avó já chorando pela morte do avô e a mãe da menina. Foi traumatizante, quase fui demitida, nunca mais escrevi a palavra viúva num quadro de giz.

E isto ainda não mudou nos tempos atuais. As pessoas ainda não entendem que a morte faz parte da vida, sendo esta uma questão humana. A morte é vista como um mexilhão que necessita ficar velado, preso em suas pedras, num lugar de difícil acesso, para ninguém mexer ou achá-lo, escondidinho ao máximo e quando tentamos retirá-lo das pedras pode causar cortes terríveis e com eles cicatrizes, que quando tocadas serão lembradas.

Contar histórias sempre foi algo que referendou minhas práticas em sala de aula, acredito que contar e ouvir histórias são formas de divertir, emocionar, de sensibilizar e de auxiliar a organizar os sentimentos como o medo, a tristeza, a alegria, a raiva e a perda, entre outros.

A literatura é uma linguagem e um dos veículos mais poderosos de comunicação com o nosso inconsciente, ajuda-nos a falar com nós mesmos. Lembrando que a literatura não transforma ninguém e que a mágica acontece quando estamos dispostos a nos transformar.

Muitas vezes trabalhamos estes assuntos apenas em momentos carregados de emoções intensas, a partir de experiências próprias, como a morte de algum parente, de

algum colega, ou até mesmo de alguma criança da escola. E é para que não tenhamos que ficar a mercê destas emoções, o que não significa desconsiderá-las ou ignorá-las, é que este trabalho se propõe a fazer uma análise de alguns livros de Literatura Infantil que abordam o tema “Morte” afim de contribuir para que possamos pensar e lidar com este assunto e que não o transformemos em tabu.

Sabedora que a morte é inerente à condição humana e que é tratada de forma particular e exclusiva, de acordo com a época e a cultura vigentes, este trabalho pretende aprofundar a análise da Literatura Infantil sobre os temas morte, luto e finitude da vida.

2. SERÁ QUE DEPOIS QUE MORREMOS VIVEMOS FELIZES PARA SEMPRE?

2.1. PEQUENO RELATO SOBRE A MORTE

Certo dia em sala de aula, um aluno que havia presenciado a morte do pai em uma tentativa de fuga quando a policia entrou em sua casa para prendê-lo perguntou-me durante a rodinha: “*Será que depois de morrer vivemos infelizes para sempre?*”.

Segundos depois ele mesmo respondeu dizendo: “*O Pastor da nossa Igreja disse que quem for mau aqui na terra, vai padecer no fogo do inferno! Meu pai será que tá infeliz no inferno?*”.

Confesso que fiquei um pouco atordoada, sem respostas e passei a perguntar para as crianças que estavam na rodinha que contribuíram com vários outros questionamentos e respostas. O aluno não falou mais nada, se limitou a ouvir tudo o que os colegas disseram como se estivesse elaborando suas respostas.

2.2. A MORTE NA HISTÓRIA

Este pequeno relato nos leva a refletir sobre nossa dificuldade em lidar com o tema morte. Entender o que é a morte, a finitude da vida, seus rituais e de como o ser humano lida com este evento tem sido objeto de estudos e debates de historiadores ao longo dos tempos.

O entendimento e o tratamento dispensado ao evento morte estão diretamente relacionados com o momento histórico e cultural dos povos.

Phillipe Ariés (2003) um dos primeiros historiadores a estudar a morte, nos fala que a ideia medieval da morte compreendia-a como sendo um acontecimento trágico, permeado por medos, e que continua presente no imaginário humano.

Morin (1997) relata que praticamente nenhum grupo arcaico abandona seus mortos sem um ritual, visto que o não abandono implicaria a sobrevivência deles. Os

mortos dos povos musterenses eram cobertos por pedras, para não se tornar em alimento de animais e para que não conseguissem retornar para o mundo dos vivos, o esqueleto era pintado de cor vermelha e colocado em posição fetal, sugerindo a revitalização do corpo e o renascimento.

No início da Idade Média, a morte adquiriu um sentido mais enfermo. Os doentes, ao pressentirem uma doença incurável, chamavam a família para um ritual de despedida. Nesta mesma época o homem mudou sua forma de lidar com a morte e passou a questionar como seria a vida após a morte.

No século XIV, o temor da morte se acentuou, com as situações que provocaram a morte de pessoas em massa, como as epidemias, cruzadas, inquisição, dentre outros, Kovács (2003), relata que os cemitérios ficaram extremamente lotados e que para economizarem espaços, alguns cadáveres tinham enterrados apenas uma parte dos ossos.

Na Idade Moderna a morte é vista como algo desagradável, velhos e doentes são cuidados em hospitais e isolados de suas famílias. O defunto era direcionado ao necrotério e de lá para o velório, isto tudo ocorria longe do olhar das crianças, que eram enganadas sobre a realidade da morte.

Na Idade Contemporânea, com o avanço da medicina, houve uma grande mudança na representação da morte, que vai se tornando “selvagem”, sugerindo temas de sofrimento, delírios, agonia, luta contra os poderes espirituais, (Kovács 2003). Assim as pessoas se afastam da morte, os cemitérios são construídos longe da cidade e o luto tende a ser silenciado, com rituais que seguem uma obrigação.

No século XX, a morte é tratada em hospitais, onde os médicos prolongam a vida do paciente com equipamentos que monitoram a vida, valorizando a assepsia do corpo e muitas vezes, prolongando o sofrimento da família e de paciente.

Outrossim, entender que a morte não é um ponto final, isolado na vida mas que o início da vida já é o início da morte, bem como, sua aleatoriedade na existência, são algumas das condições de existir que precisam ser trabalhadas com as pessoas em contraposição as ilusões instituídas de uma pretensa imortalidade”. (CORBUCCI, 2005, p.112).

2.3. LITERATURA INFANTIL E A MORTE

Dentro de uma perspectiva de como falar sobre a morte com as crianças e a relação de uma educação para vida que contrapõe a morte e vice versa, Bessa (1984) nos fala que:

[...] uma educação (desde criança) para o morrer se impõe a fim de aliviar o homem de seu medo e o apavoramento diante da morte (sua e dos outros). Isso paradoxalmente, para que viva melhor, curtindo a existência no saborear de cada dia, na realidade do hoje, na concretude do aqui e agora, sem sentimentos de perda do ontem ou a desesperança de amanhã. Enfim que o homem se concilie com a morte que nele vive permanentemente. (p.16).

A morte não pode ser considerada como improvável, as famílias necessitam passar pelo luto e a criança não pode ser retirada deste contexto, ignorando seus medos, angústias, dúvidas e sofrimentos.

Necessitamos considerar as diferenças de compreensão da realidade mediante diferentes estágios de maturação cognitiva, contudo a percepção da realidade e do que está ocorrendo no momento é algo tangível aos olhos e ao coração de todos, do mais jovem ao mais idoso. Para as crianças os momentos de expressarem seus sentimentos de dor, tristeza, perda são as atividades como brincadeiras, histórias, jogos, em que elas se manifestam e validam seus sentimentos.

Segundo Torres (1999), as percepções de morte na criança são apresentadas de acordo com fases distintas, que são:

- Fase I (Irreversibilidade – até 5 anos) – a criança não vê a morte como irreversível, mas como gradual e temporária. Atribui vida e consciência ao morto. Não existe a não vida.
- Fase II (Não-funcionalidade – 5 a 9 anos) – a criança já compreende como irreversível, mas não como inevitável, com tendência a personificar a morte.
- Fase III (Universalidade – 9 anos em diante) – percebe a morte como uma forma universal e irreversível, atestando que tudo o que é vivo morre.

A partir destas reflexões podemos investigar como a morte vem sendo representada na literatura Infantil contemporânea, já que este assunto se faz presente no nosso cotidiano.

Atualmente assistimos com frequência a morte ser contemplada em eventos televisionados que mostram imagens de verdadeiros horrores, para não dizer “genocídio *online*”. Quando a tragédia tem uma dimensão maior a cada intervalo da programação são repassadas imagens da tragédia. Tivemos como exemplo recente o bombardeio de imagens da morte no incêndio da Boate Kiss em Santa Maria no Rio Grande do Sul. Lembro-me de estar na praia no dia em que ocorreu o incidente e minha afilhada de seis anos não conseguia assistir ao programa de televisão pois a todo momento apareciam cenas de corpos sendo retirados dos escombros e relatos de pessoas, parentes e amigos procurando notícias de seus familiares. Minha afilhada, ao ouvir a música que interrompia a programação que ela assistia, anunciava para nós que estávamos fazendo outras atividades: “*Olhem, venham logo, deve ter morrido mais um na boate!*”.

A criança contemporânea acostumou-se a presenciar cenas de morte que são ofertadas com abundância em todos os meios de comunicação atual, contudo pouco trabalho estruturado é desenvolvido envolvendo o assunto morte, bem como há poucos autores que tratam sobre este assunto em seus estudos acadêmicos.

Em busca de referencial teórico para análise e desenvolvimento do tema deste estudo, dediquei-me por semanas e meses a pesquisar em bibliotecas, livrarias e sebos conteúdo didático que tratasse da morte na Literatura Infantil. A triste constatação é de que há poucos autores que tratam da morte na área da educação, a grande maioria do conhecimento científico produzido concentra-se na área da medicina e da psicologia como se a morte não se fizesse presente no cotidiano de nossas crianças em nossas creches, Escolinhas e Escolas de Educação Infantil.

No contexto da profusão de imagens, eventos e circulação desordenada de informações é papel do educador infantil ter o olhar aberto, a audição sensível diante do significado do que é a morte. Cabe ao professor perceber e acolher as indagações infantis e orientar a criança na vivência do luto e tratamento de seus sentimentos através de histórias Infantis que falam da finitude da vida. Estas ações devem ser permanentes e não só desenvolvidas nos momentos do falecimento de alguém próximo a criança, nem nas tragédias que a televisão banaliza a todo instante.

3. REGISTROS DA MORTE

Já adulta quando minha avó faleceu, ajudei minha mãe na difícil tarefa de destinar os objetos pessoais e pertences. Em uma caixa de sapatos antiga encontramos uma profusão de fotos de pessoas que já haviam partido, de pessoas que não conhecíamos, de meus filhos, de minha mãe, de meus tios, fotos minhas e dos meus irmãos, enfim uma infinidade de fotos de todas as formas e tamanhos como era costume nos tempos da fotografia analógica.

Na ocasião, o que chamou muito minha atenção foram as fotos de crianças mortas, dentro de caixões, sobre mesas e com velas acesas a seu redor e até de crianças parecendo vivas, sentadas num sofá com uma boneca no colo.

Achei aquilo terrivelmente mórbido! E para minha surpresa minha mãe sabia exatamente quem eram aquelas crianças e do que elas haviam morrido pois elas haviam participado de sua infância. À época ela morava na cidade de Rolante, no Rio Grande do Sul, onde era costume tirar fotos das crianças mortas e oferecer como lembrança para quem fosse ao funeral à semelhança das fotos que hoje são oferecidas como lembrança do aniversariante de um aninho ou quinze anos.

As fotos encontradas datavam dos anos quarenta, à época da guerra, e sendo a cidade uma colônia Alemã as dificuldades financeiras eram grandes. A população em geral não tinha recursos para fotos de crianças recém-nascidas, em seus primeiros aniversários, seus primeiros dias de aula ou eventos que hoje são facilmente registrados em nossos telefones celulares. Quando a criança falecia era a última oportunidade dos pais e familiares para registrar a imagem de seus filhos a fim de eternizar sua lembrança em uma foto, mesmo estando mortos.



Figura 1 - Lembrança de Velório Infantil



Figura 2 - Lembrança Velório Infantil 2

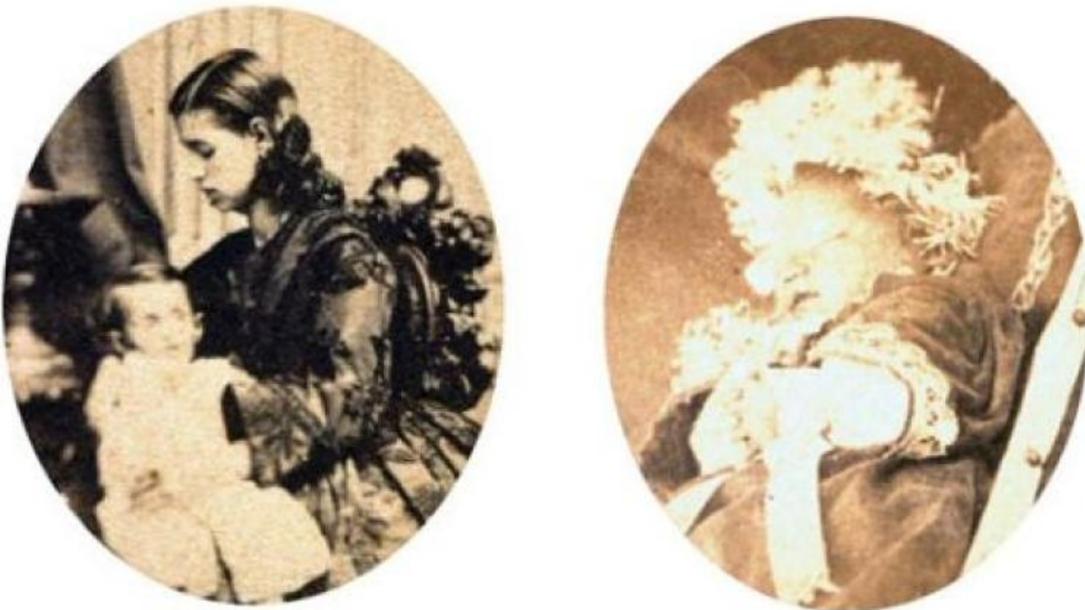


Figura 3 - Lembrança Velório Infantil 3

As Figuras 1, 2 e 3 foram capturadas da internet e são semelhantes aquelas que pertenciam a minha família. Infelizmente à época, descartamos todas as fotos de velórios infantis exatamente dentro do padrão de comportamento de negação e rejeição da morte. Mal sabia que aqueles registros poderiam vir a ser utilizados como material de pesquisa neste estudo.

ARIÈS, Philippe em “História Social da criança e da família”, Rio de Janeiro, LTC, 2006 aborda a morte através de fotos. Segundo Airès as efigies funerárias que apareceram no século XVI, apareceram nos túmulos dos professores. Nas sepulturas dos

mestres de Bolonha representando cenas de sala de aula com professores no meio de seus alunos.

O aparecimento do retrato da criança morta no século XVI marcou, portanto, um momento muito importante na história dos sentimentos. Esse retrato seria inicialmente uma efígie funerária. A criança no início não seria representada sozinha, e sim sobre o túmulo de seus pais. (Ariès. 2006. P.23)

Nesta época as crianças morriam em quantidade, e as famílias pareciam não se importar muito com esta dor, já que isto era visto como comum e certo grau de insensibilidade era muito normal de acordo com as condições demográficas da época.

Contudo, o retrato da criança morta mostra que esta mortandade deixou de ser tratada como normal ou banal e que sim, era uma perda que envolvia sentimentos e uma forma de manter a lembrança da criança que partiu.

Já no século XVII, os retratos com crianças mortas tornaram-se numerosos, segundo Airès a criança era representada sozinha sem a família ou em grupos, com as inscrições do seu nome e de sua idade. No século XIX, a pintura cedeu o lugar para a fotografia. Assim,

[...] embora a mortalidade infantil se tenha mantido num nível muito elevado, uma nova sensibilidade atribuiu a esses seres frágeis e ameaçados uma particularidade que antes ninguém se importava em reconhecer: foi como se a consciência comum só então descobrisse que a alma da criança também era imortal. É certo que essa importância dada à personalidade da criança se ligava a uma cristianização mais profunda dos costumes. (Airès, 2006. P.25)

Só depois deste século é que tiveram início os processos de mudança das condições demográficas e desenvolveram-se a preocupação das famílias com a saúde e outras práticas de higiene e condições sanitárias, como a vacinação contra a varíola .

A evolução do registro da morte pode ser exemplificada nos tempos atuais pela transmissão via internet das cerimônias de cremação em que parentes e amigos podem assistir o velório e a própria cremação à distância. A transmissão assume *status* de super produção com a apresentação de imagens em vida, depoimentos e fatos relevantes da vida de quem morreu e registro das pessoas presentes. Ao final, tudo é gravado e entregue aos familiares do vitimado, juntamente com a urna onde contem os restos mortais da pessoa.

4. TRABALHADORES DA MORTE

Este capítulo se dedica a investigar e descrever quem são os que escrevem e desenham sobre a morte para as crianças. Autores e ilustradores que tratam da morte para crianças através de seus trabalhos e assim conseguem, eles mesmos, imortalizarem sua existência através de suas obras que lidas e vistas, nos remetem à lembrança do autor e no levam a viajar, sair deste mundo e vivenciar uma nova dimensão cheia de magia, encantamentos, decepções e alegrias da morte. Como diria Abramovich:

[...] Ler, pra mim, sempre significou abrir todas as comportas pra entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivencia das personagens... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... (Abramovich, 2008, p 14).

Acredito ser pertinente falar sobre os autores e ilustradores, visto que suas biografias muitas vezes explicam suas obras. As biografias a seguir foram retiradas dos livros lidos e analisados e apontam para um curioso entrelaçamento entre as trajetórias pessoais dos autores e ilustradores e a temática por eles escolhida: a morte.

GOBEL, Anna. Autora e ilustradora do livro: “Se um dia eu for embora...”

Artista Plástica, ilustradora, professora e produtora cultural Anna Gobel gosta de mover-se entre âmbitos culturais diversos. Nascida na Espanha foi criada entre a Alemanha e Argentina, viajando desde criança por muitos países do mundo. Desde 1995, mora no Brasil. A criação deste livro foi intensa e transcorreu na época das chuvas, quando o céu e as nuvens mudam constantemente sua coloração. O livro é ambientado no sitio onde Anna vive com o marido e os dois filhos, nas verdes montanhas de Minas Gerais.

Se um dia eu for embora... é o sétimo livro autoral para crianças de Anna Gobel. Ela ilustrou também obras de importantes autores brasileiros e participou, com suas telas, de inúmeras exposições de artes plásticas no Brasil e no exterior.

MORALES, Yuyi. Autora e ilustradora do livro: “Só um minutinho”

A autora/ilustradora é uma mexicana que mora nos Estados Unidos e é bailarina, especialista em dança folclórica brasileira. Uma misturinha das boas. Mas este livro “Só um minutinho”, tem um sabor mexicano inconfundível.

MOREIRA, Carolina. Autora do livro: “O guarda-chuva do vovô”

Carolina Moreira estudou Cinema na London FilmSchool, na Inglaterra. Escreveu e dirigiu dois curtas-metragens, um deles ganhador do Grand Prix AI”Affichedu Monde, na França em 2001. De volta ao Brasil, trabalhou como pesquisadora no quadro “Retrato Falado”, do programa Fantástico, da TV Globo. Este é o seu primeiro livro para crianças. Quem ilustrou sua obra foi Odilon Moraes.

MORAES, Odilon

Estudou arquitetura na USP, mas ilustra livros desde os tempos da faculdade. Ilustrou mais de 80 livros nacionais e internacionais e já recebeu o prêmio Jabuti de ilustração em 1993, e duas vezes o “Melhor livro do ano para crianças” da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), em 2002 e 2004. Hoje, além de ilustrar e escrever livros ministra cursos e palestras sobre ilustração e história do livro ilustrado.

PRADO, Adélia. Autora do livro: “Quando eu era pequena”

Adélia prado nasceu em Divinópolis Minas Gerais, em 1935, onde mora até hoje. Sua formação é magistério e Filosofia. Em 1976 publicou seu primeiro livro, Bagagem, que reúne poesias. O ano de 1978 marca o lançamento de “O coração disparado” que é agraciado com o prêmio Jabuti. Estreia em prosa no ano seguinte, com “Soltem os cachorros”.

Em 1994, após anos em silêncio poético, ressurgiu com o livro “O homem da mão seca”. Em agosto de 2000, pelo selo Karmim, grava o CD O tom de Adélia Prado, no qual lê poemas do livro “Oráculos de maio”. Adélia tem várias outras obras publicadas, mas este “Quando eu era pequena” é o seu primeiro livro infantil. Quem ilustrou sua obra foi Elisabeth Teixeira.

TEIXEIRA, Elisabeth

É natural do estado do Rio de Janeiro, desenhista industrial pela UFRJ, trabalhou em publicidade de fotografia. Desde 1992 trabalha na criação de projetos gráficos e de ilustrações para livros infantis. Colabora também para jornais, revistas e publicidade. Em 1997 participou da bienal de Ilustração Infantil de Bratislava, Eslováquia, e em 1997 e 1998, da Mostra Internacional de Ilustração para Crianças de Sarmede, na Itália. Em 2004 recebeu o Prêmio Jabuti de ilustração infantil pelo livro Brincando adivinhas, da Paulinas Editorial. Atualmente reside no Rio de Janeiro.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. Autor do livro: “Até o passarinho passa”

Bartolomeu Campos de Queirós é mineiro, Nasceu no interior, mas hoje vive e trabalha em Belo Horizonte. Teve o seu primeiro livro, “O peixe e o Pássaro”, publicado em 1971. Depois vieram “Pedro”, “Onde tem bruxa tem fada”, “Faca afiada”, “Ciganos”, “Cavalheiros das sete luas”, “Por parte de pai” e este “Até o Passarinho passa”.

Recebeu os mais significativos prêmios no Brasil pelo seu trabalho literário: Selo de Ouro da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Prêmio Bienal Internacional de São Paulo, Prêmio Prefeitura de Belo Horizonte, O Melhor para Jovem, Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, Grande Prêmio da APCA- Associação Paulista dos Críticos de Arte, Prêmio Orígenes Lessa- Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Diploma de Honra do IBBY, Quatrième Octagonal- França, rosa Blanca de Cuba, Bienal de Belo Horizonte.

Funcionário da Secretaria de Educação de Minas Gerais, professor da DAP- Divisão de Aperfeiçoamento do professor do MEC-, o escritor teve todos os seus projetos voltados para o desenvolvimento da arte na educação. Bartolomeu atuou no movimento do Estado de Minas Gerais em vários níveis, tendo sido membro do Conselho Estadual de Cultura, do Conselho Curador da Fundação Escola Guignard e presidente do Palácio das Artes.

Capaz de uma reflexão sensível e criativa sobre a produção artística e educacional, o escritor tem seus trabalhos publicados em diversos jornais e revistas especializadas do país, bem como obras traduzidas, peças teatrais, poesias e antologias.

Adélia Teixeira ilustrou dois livros relacionados neste trabalho: “Até o passarinho passa” e “Quando eu era pequena”.

RYLANT, Cynthia. Autora do livro: “A velhinha que dava nome às coisas”

Nasceu em Hopewell, West Virginia em 6 de junho de 1954. Já escreveu mais de 100 livros de literatura infantil. Vários de seus livros ganharam prêmios. Seus livros de literatura Infantil, falam sobre sua infância, seus animais de estimação, suas alegrias e dificuldades da vida familiar e seus sentimentos solitários. Muitos de seus livros são escritos em séries. Seu primeiro livro a ser impresso foi Infantil com o nome “Nas montanhas” em 1982, e em 1994 escreveu o livro, “A velhinha que dava nome as coisas”, que foi publicado no Brasil em 1997. O Ilustrador de sua obra foi Kathryn Brown.

BROWN, Kathryn

Ilustrador Infantil, Kathryn Brown, começou sua carreira através do aparelhamento da arte aquarela, escrevendo e ilustrando vários livros. A arte de Brow sempre foi elogiada por sua riqueza de detalhes e este capricho e delicadeza se apresenta nas obras em que ele escreve e nas obras em que ele apenas desenha. Ganhou muitos prêmios com suas obras.

SISTO, Celso. Autor do livro: “O vestido”

Celso se define como curioso, elétrico, dinâmico e bastante inventivo. Nasceu no Rio de Janeiro e morou em São Paulo, Brasília, Gramado, Chapecó, Florianópolis, Cidreira e Porto Alegre. Considera que em seus livros acaba usando coisas que aconteceram em sua vida pessoal. No livro *O vestido* utilizou fatos de sua vida para compor a personagem Ludmila. Segundo Celso “Lembro-me do susto que foi voltar para casa e não encontrar mais minha avó, dos objetos cobiçados pelos tios, na hora de dividir as coisas dela, do vestido de noiva da minha mãe, que ficou guardado anos dentro de uma fronha. São esses fatos que a gente vai juntando, empresta para os outros e vira história (dividida e multiplicada)!”. Quem ilustrou sua obra foi Thais Linhares.

LINHARES, Thais

Segundo a autora sua avó Mary, hoje com 97 anos bem vividos, lhe entregou um tesouro: a paixão pelos livros. As capas, o cheiro do papel velho, ou novinho, ainda com

perfume da gráfica, os desenhos, as histórias... Talvez aí tenha começado sua carreira de ilustradora e escritora. Trabalha com livros e também com desenho animado, sempre puxando pela criatividade e pela memória dos tempos de colo de vovó, que era para onde corria quando ficava com medo dos fantasmas.

Nasceu em 1970, tempo dos hippies e dos astronautas, que tinham acabado de pousar na lua. O gosto pelas histórias levou-a às artes. Estudou teatro no Tablado e no Colégio Andrews, música na Escola Nacional da UFRJ, arte-terapia na Estácio de Sá, produção gráfica no SENAI-RJ e Belas Artes na EBA-UFRJ. Trabalhou em animação na Multirio e na Intervalo. Gosta de recordações e tem várias guardadas nas capas dos livros, nos relógios de ouro da *bisa*, nas centenas de fotos sépia que pavimentam a estrada de prata que lhe liga à família e lhe dá a impressão de que tem alguém sempre consigo.

SSÓ, Ernani. Autor do livro: “Contos de morte morrida”

Ernani Ssó é o escritor que veio do frio. Nasceu em Bom Jesus, Rio Grande do Sul, num ano de neve. Em 1974 entrou no jornalismo, porque queria ser escritor. Saiu em 1975, pelo mesmo motivo. Tem livro para adultos, mas prefere os infantis, porque são mais fáceis de escrever. Chama-se Ernani por causa de um Galã de radionovela e Ssó, esse erro de revisão, de maluco, ou para não se sentir muito sozinho, como disse Mário Quintana. Como é possível perceber o livro “Contos de morte morrida” é como Ernani, uma sátira sobre a morte. Sua obra “Contos de morte morrida” foi ilustrada por Marilda Castanha.

CASTANHA, Marilda

Nasceu em Belo Horizonte, cidade onde cresceu, sempre desenhando. No final dos anos 80, enquanto cursava Belas Artes na Universidade Federal de Minas Gerais, começou a ilustrar livros infantis. Anos mais tarde resolveu contar histórias, umas sem texto, outras com texto, e ganhou alguns prêmios, entre eles o jabuti de Ilustração de 2000.

TAE_JUN, Lee. Autora do livro: “Esperando mamãe”

Lee Tae-jun nasceu em 1904, em Cheolwon, província de Gangwon, Coreia do Sul. Desde criança revelou talento literário, mas foi a partir de 1925, com a publicação

de seu primeiro conto, “Omongnyeu” (nome de moça), que se tornou conhecido. Escreveu vários livros infantis na década de 1930, como este, lançado em 1938, quando a Coreia estava ocupada pelo Japão imperial. Sua obra foi ilustrada por Kim Dong-seong.

DONG-SEONG, King

Nasceu em 1970, em Busan, Coreia do Sul, e se formou em Artes Orientais na Universidade Hongik, em 1995. Além de ilustrar livros infantis, trabalha com publicidade. Atualmente vive em Seul, com a mulher e o filho de cinco anos.

VENEZA, Maurício. Autor e ilustrador do livro “Vovô foi viajar”

Maurício Veneza desde pequeno queria ser desenhista. Pintou, bordou, riscou, coloriu... E hoje seus desenhos são vistos em peças de publicidade, revistas, jornais, livros infantis e didáticos, histórias em quadrinho e na televisão. Mauricio também escreve e ilustra seus próprios livros. Ele mora e trabalha em Niterói, rio de Janeiro, em uma casa branca de onde se avista o mar. Na mesma casa moram Sandra, sua mulher, Carlos e Júlia, seus filhos e Rex, um gato que apareceu um dia e resolveu que não iria mais embora.

WAJMAN, Simone Shapira. Autora do livro: “O ovo e o vovô”

É empresária da área da saúde e assumiu na empresa de meu pai, aos 32 anos, a posição de diretora conselheira. Segundo a autora “Só pude enfrentar este grande desafio porque aprendi com meu pai a ser forte o bastante para vencer os obstáculos da vida e nunca desistir de meus objetivos. Para mim, conviver com uma pessoa que deu tudo de si e nunca pediu nada foi de grande importância. Tive o privilégio de dar ao meu pai o maior e mais alegre presente: seus netos”. Quem ilustrou sua obra foi André Neves.

NEVES, André

É um premiado escritor. Segundo o autor “Guardo momentos inesquecíveis que ficaram cristalizados na memória. Quando eu era criança, meus avós cultivaram minha personalidade com muito carinho. Eram conversas, brincadeiras, lições e uma porção de histórias que, por felicidade, estimulavam minha criatividade. Para mim, o melhor ao

ilustrar este livro foi poder mostrar os desenhos à avó Silvia, que acompanhou todo o processo, carregando com cores fortes minha imaginação”.

WILD, Margaret. Autora do livro: “Vovó Nana”

Margaret Wild nasceu na África do Sul e foi para a Austrália em 1972. Ela trabalhou como jornalista em revistas e jornais, e também foi editora de livros infantis durante dezesseis anos. Agora, morando em Sydney, ela escreve em tempo integral. Margaret já escreveu mais de quarenta livros infantis, editados em todo o mundo e ganhadores de vários prêmios. “Eu me considero uma pessoa de sorte por ser escritora. Enquanto tiver papel e caneta, posso escrever em qualquer hora e lugar- para mim este é o melhor trabalho do mundo”. “Vovó Nana” foi ilustrada por Ron Brooks.

BROOKS, Ron.

Cresceu no oeste de Gippsland, Austrália. A família mudou-se para o centro de Gippsland, onde permaneceu por quatro anos; em seguida foi para Melbourne. Lá Ron entrou para a escola de arte. Os trabalhos de Ron Brooks incluem desenhos, pinturas, esculturas e palestras sobre arte e desenho. Ele ganhou duas vezes o prêmio “Livro de Imagem do Ano do Conselho de Livros Infantis da Austrália” e ilustrou vários e significativos livros infantis. Os livros de Ron foram publicados em vários países. Ele é conhecido como o ilustrador que levou os livros Infantis australianos para o cenário mundial

5. OS CORPOS DE ANÁLISE

Os livros de literatura Infantil escolhidos para compor o corpo de análise deste estudo foram resultado do trabalho de garimpo nas bibliotecas das escolas em que trabalho, em sebos da cidade de Porto Alegre, em bibliotecas públicas e com pessoas que conhecia e não conhecia. Acabei por desenterrar verdadeiras preciosidades e com muita dificuldade foram selecionadas as obras que realmente interessavam e poderiam enriquecer este trabalho. Limpá-las e prepará-las foi um trabalho árduo e necessário.

Os livros escolhidos foram “escovados” e “polidos” delicadamente em conjunto com a professora orientadora. Esta contribuição foi de extrema importância, pois sem ela o trabalho certamente levaria muito tempo para ser concluído. Foi preciso retirar algumas pedras preciosas, como os contos de fadas, os livros de folclore, os livros antes do ano de 2000, os de ciclo da vida (ecológicos), os da Disney e alguns outros que ficaram de fora, trazidos por diversas pessoas após termos escolhido nossas pedras preciosíssimas.

Ao contrário do conteúdo científico restrito disponível sobre o tema morte na educação, não pensei que encontraria tantos livros de literatura Infantil que abordassem este assunto, tão polemico e dolorido, que é a morte e a finitude da vida.

Os livros escolhidos foram classificados em categorias de acordo com o modo como abordavam a morte.

- Morte/ vazio: trata do vazio como sentimento inexplicável de ausência quando perdemos alguém muito próximo a nossas vidas.

- Morte/vida/morte: histórias que resgatam a intensidade da vida de quem morreu como lembrança de vida, alegria, sabedoria...

- Burlando a morte: artifícios para enganar a morte, subterfúgios para retardar a partida desta passagem pela terra.

- Memórias: abordam um pouco das mudanças que ocorreram na história, como eram enterradas as pessoas quando éramos pequenos e como isto ocorre agora.

5.1. MORTE / VAZIO

Minha mãe veio a falecer ao longo do desenvolvimento do meu projeto: ela estava detestando este assunto, principalmente por que já havíamos passado por muitas perdas em nossa família e este era, para ela, um assunto dolorido, que trazia lembranças de cicatrizes que já não doíam tanto.

Durante quarenta e sete anos e oito meses vivi com minha mãe, tínhamos nossas diferenças, brigávamos as vezes, brincávamos muito, ríamos muito, chorávamos, mas principalmente vivíamos juntas como uma família...

Quando casei e formei minha família continuei morando com ela, no início para não abandona-la já que havia perdido meu pai e meu irmão e os outros irmãos já estavam casados e morando longe. Depois, quando nasceram meus filhos, ela nos ajudou na formação e no cuidado com eles.

Ela sempre foi um pouco atrapalhada com suas coisas, mas era uma mulher muito ativa e independente, viaja muito para ver os filhos e para conhecer lugares diferentes. Fora uma mulher que sofrera muito na vida, mas quando se referia a filhos e netos defendia-os como uma felina que zela por suas crias.

Minha família foi desenhada por um bom tempo assim: pai, mãe, irmã, irmão, avó e bisavó. Certo dia a bisa estava brincando com meus filhos e solicitou ajuda para se deitar no sofá falecendo quando minha mãe chegou. Foi um tempo muito difícil para todos. Meus filhos eram pequenos e não entenderam muito bem o que acontecera e até hoje se referem à bisa com muito carinho e saudade.

Em seis de julho deste ano foi minha mãe que no dia anterior passeou, fez compras, esperou meu retorno do curso de pós, jantou com a família e foi dormir. No dia seguinte enquanto meu marido me levava ao curso, ela morreu. Assim como a bisa, minha mãe faleceu, se apagou como uma vela. Ambas partiram, sem dar explicações, sem dar adeus, apenas se foram. Deixando-nos a saudade e a certeza de que a vida deve ser vivida em plenitude e que ela é muito breve.

Confesso que sempre achei que morreria antes dela, visto que sempre foi uma mulher muito saudável e zelava por isto. Muito embora muitas vezes ela não desejasse

ter tanta saúde assim, sempre declarara que gostaria de partir para se encontrar com o filho que perdera em um acidente brutal e com seu marido que morreu um ano após o acidente deste filho, Sempre dizia que já havia cumprido seu papel para conosco, que era ajudar na criação de nossos filhos, que estava ficando velha e que não gostaria de depender dos outros se acaso ficasse doente.

Apesar de todas estas falas, acredito que somos por natureza, egoístas por não desejamos perder ninguém. Sinto ainda uma dor muito forte, parece que tiraram um pedaço da minha vida, da minha história, lágrimas brotam constantemente de meus olhos ao falar nela, muito embora não necessite falar. Assim, por vivencia pessoal descobri que a perda pela morte é como uma ferida que dói e não se vê.

A sensação é de que não vai passar e acredito que assim como foi com meu pai, meu irmão, minha avó e tantos outros que já perdi, o tempo será o melhor aliado. O luto é um momento individual que necessita ser vivido para ser superado. A dor do vazio hoje, grande demais, aplacará com o tempo e de quem partiu ficará a doce e saudosa recordação.

E por falar em vazio, no livro Esperando Mamãe (Figura 4), o autor Lee Tae-jun procura explicar a falta que nos faz a pessoa que perdemos, o espaço vazio inexplicável deixado por alguém que não volta mais, que não adianta a espera que ela não irá retornar. O livro nos deixa sem as respostas do por quê? Onde foi parar a despedida? Mas ela vai voltar?

As imagens do livro são claras, em tons pastel e a história se passa numa época em que a Coreia estava ocupada pelo Japão Imperial. Uma criança vai até a estação de bondes e espera a chegada de sua mãe, o tempo passa, vários passageiros descem e ela não a encontra em nenhum dos bondes. Chega a noite, a temperatura cai e o nariz da criança fica vermelho. A última imagem do livro mostra casas cobertas de neve e flocos finos caindo sobre a cidade. Subindo as escadas, somente através de um olhar muito atento pode-se ver “o” ou “um” menino segurando a mão de uma mulher. Como a imagem é muito confusa e eles estão de costas este parece ser mais um detalhe da cena, ou não.



Figura 4 - Livro Esperando Mamãe

É um livro surpreendente. Havia lido o livro várias vezes, todos da família leram o livro, muitos colegas leram o livro e até choraram, visto que fala da suposta morte de uma mãe e de uma criança abandonada a sua própria sorte, a espera do reencontro que parece não acontecer. Nesta última imagem, quase como um borrão, enxergamos a criança com sua mãe porém a ausência de texto explicativo nos remete há várias suposições como de que no fim a mãe voltou para a criança e eles viveram felizes, de que a criança morreu esperando a mãe e afinal os dois se reencontram, ou mesmo de que a criança para compensar a dor da ausência, eu um delírio reconfortante, visualiza sua mãe ao seu lado, como se nada tivesse acontecido.

Foi um livro que ninguém, das pessoas que conheço, havia percebido este último detalhe. O autor até o final mantém a sensação de morte com toda a certeza e na última página do livro de forma sutil que passa despercebida pois repete a primeira cena do livro acrescentando a neve.

É um livro muito triste, sobre um filho pequeno que espera sua mãe, e esta não retorna em nenhum dos bondes nos levando a ler o livro o mais rápido possível para encerrar com tanta tristeza, o que nos deixa cegos para observar mais detalhes e ver além da emoção, na última cena, a criança e sua mãe.

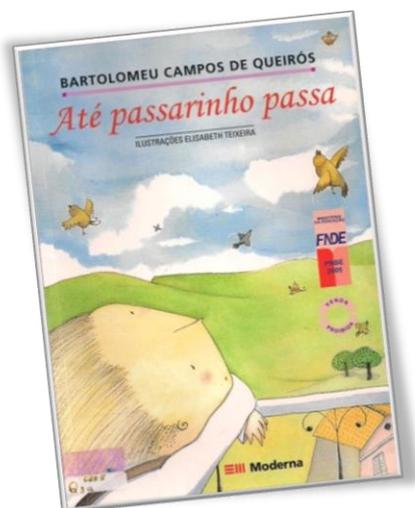


Figura 5 - Livro Até passarinho passa

Quando li o livro *Até passarinho passa* de, Bartolomeu campos de Queirós, senti no início da história uma paz interior muito grande, pois tudo acontece em uma grande varanda da casa onde o menino morava. Os passarinhos lhe visitavam com frequência e havia um em especial que nunca faltava a estes encontros e que cantava para ele sem pedir nada.

Certa manhã o menino como que se pressentisse algo, acorda antes do horário de costume, vai até a varanda e encontra o passarinho desfalecido, imóvel. Ele tenta fazer algumas coisas para mudar esta situação, contudo o passarinho não se movimenta. Então ele fala sobre este vazio que foi

tomando conta do seu mundo. E ele descreve o luto de uma forma encantadora (se é que podemos dizer que luto é encantador).

Meu corpo inteiro se afogava numa tristeza exagerada. Não havia remédio capaz de remediar a sua partida, soluzei. Tentei me consolar imaginando um céu com anjos e asas, sem dias e noites. Mas nada abrandava meu luto. Chorei baixinho como se fosse possível esquecer com lágrimas a ausência de um definitivo amor. (QUEIRÓS, 2003, p.26).

Depois desta descrição do luto o menino enterra seu amigo no quintal de sua casa e no final do dia, quando chega à noite, ele vai dormir se sentindo extremamente só, com a certeza que até o passarinho passa.

As imagens do livro são lindas, coloridas, o autor escreve poeticamente tudo o que se passa na varanda e na última imagem, quando o menino vai dormir, sentimos uma sensação de solidão que é indescritível, só lendo o livro para compreender.

É um livro longo, com muita escrita e estas escritas são segregadas de detalhes, em alguns momentos o autor consegue nos transportar para o local onde tudo acontece. Este é um livro tão bem escrito que não necessitaria ilustração, acredito até que as ilustrações além de belas e encantadoras, não foram dignas da escrita do autor, que transformou um livro triste em lembranças que qualquer pessoa desejaria ter.

Fiquei em dúvida se este livro seria para crianças pequenas, mas depois de ler várias vezes acredito que todos merecem ler e ouvir algo tão singular com esta história, que fala de vida, sossego, sonhos, medos e morte.

5.2. VIDA / MORTE / VIDA

No dia do velório e enterro de minha mãe minha afilhada de seis anos estava presente pois convivera desde o seu nascimento com ela e a considerava como sua avó. Durante o dia questionou muito sobre o que havia ocorrido com a avó, chegou várias vezes perto do caixão, chorou, acompanhou o cortejo fúnebre até o túmulo e se despediu.

Algumas semanas depois, com a ajuda de meus filhos iniciamos o processo de separação e destinação dos objetos e pertences pessoais de minha mãe falecida. Como meus irmãos moram longe, não poderiam se fazer presentes e coube a nós fazer a triagem e destinar quem ficaria com as coisas que ela guardara e quais já estavam definidas por ela ainda em vida.

Este é um momento muito difícil já que remexer os objetos e roupas pessoais materializam a ausência da pessoa que amamos e nos referimos a ela muitas vezes no verbo presente, como se ainda estivesse conosco. Neste dia minha afilhada veio nos visitar.

Quando ela entrou no quarto que pertencia a minha mãe, foi logo dizendo, que a avó ficaria furiosa se chegasse em casa e enxergasse aquela bagunça no seu quarto. Em meio a emoção, meu filho pegou-a no colo e relembrou a passagem do cemitério finalizando com a frase: “A vó não volta mais aqui para casa, tu viu onde ela está morando agora” referindo-se ao cemitério e ao nicho da parede onde foi colocado seu caixão).

Ela encheu os olhos de lágrimas, respirou fundo e disse: “Bom, se ela não volta mais nada mais justo que eu ficar com o ‘massageador de golfinho’ já que era eu que fazia massagem nela e ela em mim”.

Naquele momento de tristeza todos nos olhamos e rimos. Ao longo daquele dia, muitas outras coisas ela escolheu para levar para casa.

Quando ela foi para casa, foi logo mostrando as coisas para sua mãe, que estava indignada, com as coisas que ela havia solicitado para levar, mas ela foi logo respondendo: “Mãe, isto tudo que eu trouxe é para eu sempre lembrar da vó!”.

No livro: “o vestido”, de Celso Sisto, o autor descreve exatamente este momento de mexer nas coisas da avó que havia morrido, a neta estava no pátio com algumas recordações da avó, quando sua mãe a chama para entrar e ela se depara com a família toda mexendo nas coisas de sua avó. E ela própria diz baixinho: “Ah... era isso!... a divisão!”.

A menina pega uma cadeira, abre o armário, puxa um pacote e quando vai abrir, chegam suas tias e primas querendo tudo o que seus olhos enxergavam. A menina ficou apenas prestando atenção no que ocorria.

De repente abre o embrulho do seu colo e desvenda a todos um lindo vestido, todo bordado, as lembranças lhe vem à mente, sua avó e as brincadeiras que faziam juntas usando aquele vestido.

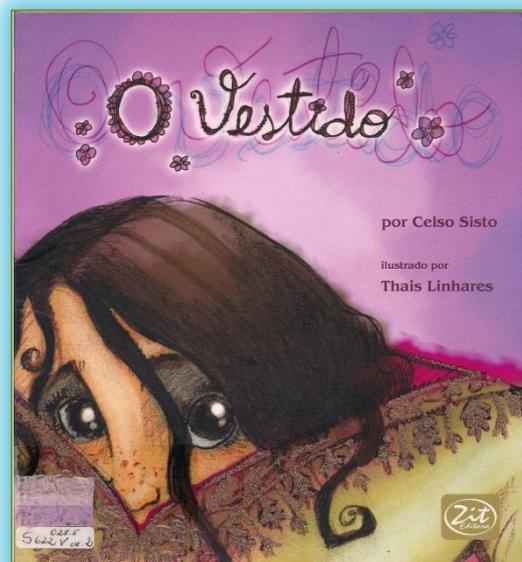


Figura 6 - Livro O vestido

Suas tias e primas iniciam uma discussão sobre o vestido, quando Ludmila, consegue sair de seu estado de transe diz: “Posso ficar com o vestido?”.

Neste momento todas querem o vestido, inicia-se uma discussão, sua mãe pega o lençol no qual estava enrolado o vestido e nele contém uma carta onde a avó descreve um pouco de sua história de vida e diz que o vestido pertenceria a sua primeira neta Ludmila.

Há uma discussão novamente para saber qual era mais velha já que ela e sua prima tinham a mesma idade, só que Ludmila nasceu em maio e sua prima em agosto, o que a tornaria mais velha.

A menina espera todos saírem e diz: “Ninguém nunca vai saber que esse era um vestido de princesa, né, vó? Esse vai ser pra sempre o nosso segredo! Eu sei! Não é porque sou a mais velha! Elas nunca foram Cinderela, Rapunzel, Bela ou Pele de Asno, como nós!”.

E se calou, avaliando se tirava ou não o vestido, justo agora que precisava de força para aguentar a ausência da avó. (SISTO, 2009, páginas finais)

O livro todo é lindo, sua capa mostra um pouco do rosto de Ludmila, como se ela estivesse colocando o vestido que é todo bordado com gliter em alto relevo, o livro é de certa forma longo e apesar de falar da morte é muito colorido, com flores e estrelas, que nos dão a ideia de magia, de sonho e de liberdade.

É um livro que deixa claro a morte da avó e o que se faz com os pertences da pessoa que morreu, o desejo de todos possuírem algo que lembre quem partiu, e até mesmo as discussões geradas sobre a partilha dos bens do falecido.

Um fato interessante é que o livro não é numerado, dando a ideia de continuação da história da Ludmila, após o encerramento do livro.

As ilustrações e escrita estão sempre em sintonia, na última página, a frase e o desenho final, nos remetem a esta finitude da vida e a este vazio que fica quando perdemos alguém.

Outro livro lindo e poético é “Se um dia eu for embora...” de Anna Gobel. Escrito em versos cada página contém apenas uma frase onde a autora descreve o que ela fará quando morrer e de como ela poderá ser lembrada.

As imagens que contém o livro são magníficas, e as palavras e frases parecem caminhar com os desenhos, há uma harmonia entre texto e figuras que levam o leitor a não ter medo do momento da partida.

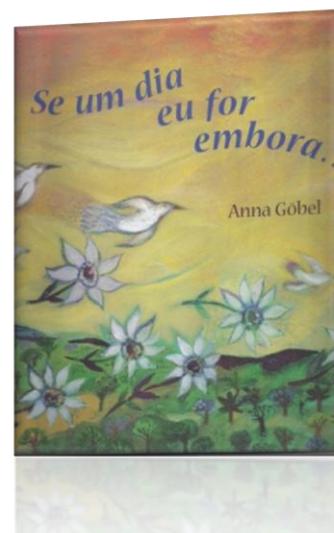


Figura 7 - Livro Se um dia eu for embora...

A autora descreve que se ela partir (morrer) as pessoas ainda poderão encontrá-la viva, em várias coisas do cotidiano e principalmente num lugar muito especial que é nas lembranças. Como a autora é quem escreve e é ela mesma a ilustradora percebemos uma sincronia e interação entre os desenhos que se complementam, um precisa do outro, um fará falta sem o outro. É uma deliciosa maneira de encarar a morte com vida!

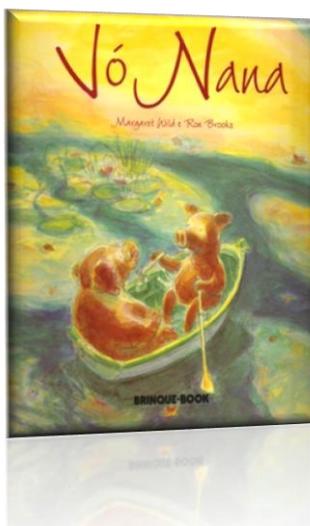


Figura 8 - Livro Vó Nana

No livro “Vó Naná” a autora Margaret Wild, descreve a vida de uma neta e uma avó que moram juntas e que dividem as tarefas corriqueiras, como varrer a casa, tirar o pó, lavas a louça, entre tantas outras coisas. As duas personagens são animais: leitoas. Certo dia vovó Naná não se levanta como de costume para o café da manhã, a neta vai

ao seu quarto e ela relata estar cansada, toma seu café da manhã, almoço e janta na cama, enquanto a neta faz os afazeres da casa.

Na manhã seguinte a avó acorda, come muito pouco no café da manhã e relata para sua neta que tem muitos afazeres para serem realizados na cidade, a avó paga todas as suas dívidas, retira dinheiro e dá para neta, solicitando que gaste com cuidado e a obriga a enxugar suas lágrimas.

Depois relata que quer passear. Solicita à neta que observe tudo o que as rodeia, que sinta os perfumes, que veja as cores, que aprecie intensamente a vida. Ao voltar para casa, a neta alimenta a avó, e pede para deitar-se com ela, a vó aceita e as duas ficam abraçadinhas até o dia amanhecer.

Na última imagem que não há nada escrito a neta está na beira de um lago sozinha, observando, tudo o que a avó no último dia havia solicitado que a neta observasse com cuidado. Como se naquelas imagens estivessem representadas todas as formas de vida de sua avó.

As imagens deste livro são maravilhosas, extremamente coloridas, até na morte da avó há muito colorido, o livro é grande, as crianças podem ver alguns detalhes de longe, parecem quadros em forma de livro. Apenas quando a avó começa a adoecer é que há algumas variações de cores para um tom sutilmente mais escuro.

Assim como há páginas inteiras com telas pintadas e há escritas sobre estas telas, também há momentos em que o ilustrador fragmenta os desenhos para descrever as cenas induzindo o leitor a ficar muito atento às duas formas de ler a história.

Já no livro “O ovo e o vovô” escrito por Simone Schapira Wajman, a autora faz uma comparação entre o ovo e o vovô, das coisas que ele ensinara em vida. Simone faz o paralelo quando escreve:

Era muito gostoso estar com o vovô.
Por fora, parecia duro
Como a casca do ovo,
Mas por dentro era mole, mole,
Como a clara e a gema.
(Simone, 2001, p.4)

Consciente da finitude de seu avô, ela escreve desta forma:

Mas a casca do ovo pode quebrar,
 E não teremos mais o ovo...
 E um dia aquele grande ovo
 Chamado vovô David se quebrou.
 Assim, não temos mais o nosso ovo.
 Mas...
 ...ficamos com tudo o que vovô David nos passou.
 E aí está a diferença:
 O que ele nos ensinou nunca vai acabar porque está dentro de nós.
 (Simone, 2001, p.14 e 16)

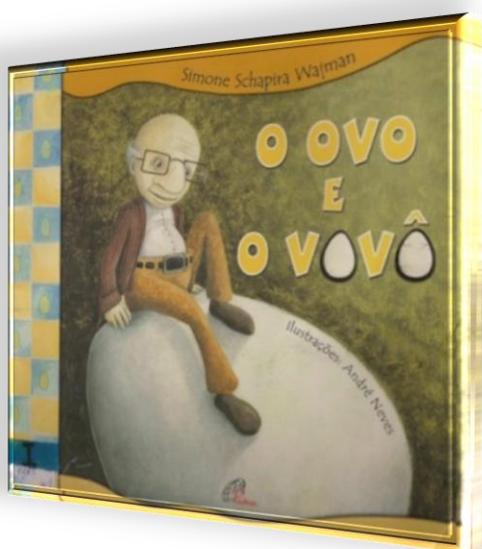


Figura 9 - Livro O ovo e o vovô

Até a numeração do livro é dentro de um ovo, contudo os personagens, não se parecem com ovos fisicamente. Os desenhos são enormes, alegres e divertidos. Após a morte, com os netos sentados calados e cabisbaixos a autora descreve a morte do avô de seus filhos dentro de um enorme sol.

No fim do livro as crianças estão brincando, correndo com o ovo na colher, uma brincadeira que o avô os ensinou. A autora e o ilustrador brincam com a palavra ovo, vovô e a morte.

O livro fala de um avô que gostava de brincar com os netos e que certo dia morre, mas que ainda vive dentro deles, os netos, nas recordações das passagens boas que viveram juntos. As figuras são grandes e claras e o ovo aparece em todas as cenas, como pano de fundo ou como representação do real.

O avô é representado como uma figura carismática, simpática, que gosta de brincadeiras e curte a convivência com os netos.

5.3. BURLANDO A MORTE

Aos quarenta e dois anos fui acometida, por uma doença cardíaca, enfartei. Fique na UTI - Unidade de Tratamento Intensiva de um hospital durante seis dias. Decorrente deste evento, realizo acompanhamento médico e exames periódicos e tomo medicação rigorosamente e religiosamente, para evitar outro evento como este com potencial de ser fatal.

Mas depois que isto ocorreu, brinco com as pessoas que adoecem que não vou visitá-las no hospital, tendo em vista que deste lugar guardo péssimas recordações e que imagina se que Deus, lá em cima olhe para baixo e diga: “O que fazes ai, visitando quem está doente, tu já deverias estar aqui comigo!”.

Por isto vou revelando a todos não me peçam para visitar doentes nem ir a enterros, que não estou certa se Deus tem certeza que era para eu ficar aqui na terra. Esta é um forma de burlar a morte. Há quem diga que Deus está em toda a parte e que pode nos ver em qualquer lugar, mas eu sempre digo: “A quantidade de gente que ele necessita cuidar é muito grande e eu estou fazendo de tudo para não chamar sua atenção!”.

Lembro-me também de minha avó que sempre dizia que havia enganado a morte várias vezes já que diversas vezes tratara enfermos graves, sem chance de cura, de doenças contagiosas como tuberculose, tifo e gripes, e ela nunca adoecera.

Esta maneira divertida e despreocupada em se relacionar com a sua própria morte fica muito clara nas providencias dela para o seu próprio funeral. Sempre nos falou como queria que fosse o seu velório, que roupas deveriam colocar nela, que não gostaria de ficar só durante a noite e por isso reservou dinheiro para pagar o lanche da madrugada para que ninguém fosse embora e a abandonasse na escuridão do cemitério.

Apreciadora de vinhos, que mantinha em estoque considerável em casa, deixou claro que após sua partida os familiares e amigos deviam reunir-se para consumi-lo antes que estragassem.

Os relatos pessoais encontram paralelo em dois livros que abordam formas de burlar a morte. De uma forma muito cômica, o livro “Só um minutinho” de Yuyi Morales, conta a história de um esqueleto (a morte) que chega a casa de uma avó para leva-la e ela solicita a morte que espere um minutinho, que ela necessita fazer algumas coisas antes de partir com ele. Como é seu aniversário a avó, vai preparando as coisas para comemorá-lo, e para cada coisa que prepara ela pede mais um minutinho, até que chegam os netos e ela convida o esqueleto para fazer parte da festa. A morte fica muito feliz com o convite se diverte na festa e vai embora deixando um bilhete, que retornará no próximo ano.

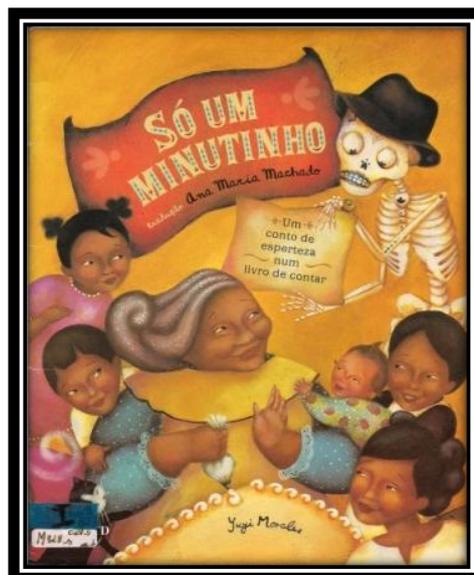


Figura 10 - Livro Só um minutinho

Este livro é encantador, na capa do livro já estão estampados o esqueleto e a avó sorridente rodeada de seus netos. Com imagens lindas, o esqueleto de forma alguma representa ser assustador e em uma das passagens há um momento em que ele coloca um avental para auxiliar a avó no preparo das coisas da festa e para ela concluir seus afazeres o mais breve possível.

Como a história também trabalha com os números de um a dez, há um momento em que o esqueleto, conta nos dedos, digo, nos ossinhos o número de pessoas que sentam à mesa, a história acaba com a avó lendo o bilhete da morte e piscando o olho, como quem diz, enganei a morte! O bilhete diz o seguinte:

Querida vovó Carocha,
Sua festa foi um assombro! Eu nunca me diverti tanto. Não quero perder sua próxima festa por nada no Mundo. Pode contar com isso.
Sinceramente,
Senhor Esqueleto
(MORALES, 2006, p.31)

O livro é grande, os detalhes que o livro apresenta são claros, apesar de retratar a cultura mexicana, com costumes diferentes dos que temos aqui no Brasil, como as “pinhatas”, que são uma espécie de cumbucas cheias de balas e doces, comuns em festas de aniversário.

No livro “Contos de morte morrida”, de Ernani Ssó, a capa é um pouco assustadora e as figuras contidas nela também. Por se tratarem de contos podem ser lidos um a cada dia, ou um a cada semana. Ao todo são dez contos:

- A Morte e o escritor.
- A Morte e o caçador.
- A Morte e o pescador.
- A Morte e o médico.
- A Morte e a velha.
- A Morte e os gêmeos.
- A Morte e o estalajadeiro.
- A Morte e o paxá.
- A Morte e o fujão.
- A Morte e o ferreiro.



Figura 11 - Livro Contos de Morte Morrida

Neste livro todas as histórias são de pessoas que tentam burlar a morte, tentando enganá-la, as histórias apresentam um tom humorístico, que talvez as crianças muito pequenas não entendam. São histórias para crianças um pouco maiores com capacidade para entender figuras de linguagem um pouco mais elaboradas, como por exemplo, a última frase de Ssó, no primeiro conto “A Morte e o escritor”, que diz assim: “Aqui jaz Ernani Ssó, contra vontade”.

As ilustrações também não têm uma construção e forma adequadas para prender a atenção das crianças menores, já que não são tão definidas. Explorar este livro requer um olhar mais atento e direcionado do educador possibilitar a sua compreensão, apesar das figuras serem de cores fortes e chamativas, há muita informação em uma só gravura. No conto: “A morte e o caçador” há um caçador de quatro com uma montanha atrás dele que parece a continuação de suas costas. Sobre a montanha há lápides com flores enormes e na mesma cena só que na página ao lado está a morte de pernas para o ar com seu cajado entre os dentes e presa em uma armadilha de caçador.

A profusão de informações em uma só cena, que conta com desenhos grandes, requer que o pequeno leitor seja orientado e conduzido ao longo da leitura e da imagem para que apreenda o sentido correto da história.

O livro “A velhinha que dava nome as coisas” de Cynthia Rylant, conta a história de uma senhora idosa que atribuía apelidos e nomes às coisas que a rodeavam. Sua poltrona era Frida, sua cama era Belinha, sua casa era Glória, seu carro era Beto.

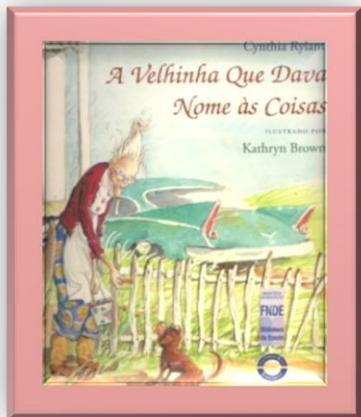


Figura 12 - Livro A Velhinha que dava nome as coisas

A história fala da tristeza da perda (morte) e a necessidade de burlar esta morte, de não se envolver com ela, da necessidade de continuar amando e vivendo de qualquer maneira.

Neste livro, esta foi a forma que a velhinha encontrou para burlar a morte. Aos objetos que transcenderiam sua própria existência ela nomeava já aos que poderiam se decompor antes dela, não colocava nome pois já havia perdido muitas pessoas e agora se encontrava só e não queria se apegar a nada que pudesse morrer antes dela.

Certo dia aparece um cachorro em seu portão que não tinha nome já que estava enferrujado e provavelmente não duraria muito tempo. Ela dá um pedaço de presunto ao cão, mas não o deixou entrar alegando que os objetos de sua casa não gostariam daquele animalzinho.

Só que o cachorro aparece todos os dias em sua casa e apesar de enxotá-lo só sai quando ela o alimenta. Aos poucos ela se afeiçoa ao cãozinho, mas continua sem lhe dar um nome, pois sabe que ele poderá partir antes dela.

Num certo dia o cãozinho não aparece na casa da velhinha, e ela espera por ele o dia inteiro. No dia seguinte ela sai pela cidade à procura do cachorro, contudo não o encontra, volta pra casa desolada. Liga para o canil da cidade e o dono do canil pergunta se ele tinha coleira com o nome.

Então ela vai até o canil e o funcionário lhe pergunta qual o nome do cão para tentar achar chamando-o pelo nome, a velhinha lembrou-se dos amigos que tivera ao longo da vida e de quão sortuda ela era. E foi logo dizendo: - O nome do meu cachorro é Sortudo.

A entrar no canil berrando por Sortudo ele vem imediatamente ao seu encontro, e daquele dia em diante, o cachorro Sortudo passou a viver com ela. O cachorro ensina a velhinha que se quisermos, nunca estaremos sós, apesar de nossas perdas.

É um livro lindo com cores vibrantes, todas as páginas parecem quadros de parede, todos os objetos que não tem vida, como a casa, o carro a poltrona, parecem sorrir, o que chama a atenção de quem está lendo o livro.

A velhinha apesar de estar só, tem um rosto simpático, mesmo as cenas em que ela está triste há um colorido, uma riqueza de detalhes que por alguns momentos sobrepõem a história.

É uma história encantadora, com imagens deslumbrantes, transportando as pessoas para o imaginário, até o papel de parede é inacreditável perfeito. Tudo parece muito velho e simples, mas tudo é muito colorido e lindo.

5.4. MEMÓRIAS

Quando entrei na escola, aos seis anos de idade, sentava ao meu lado uma menina bem diferente, tinha a ponta dos dedos azulados e seu rosto era um pouco estranho, no recreio ela não podia brincar conosco, para não se cansar e sua mãe trazia e levava ela em sua garupa. Como morávamos perto eu as acompanhava, depois seguia para minha casa.

Certo dia esta minha colega não apareceu na escola, como sempre fui prestativa para não dizer curiosa, após o almoço fui até a casa dela e levei meus cadernos para ela copiar o que a professora havia trabalhado.

Quando cheguei em sua casa não a vi, porém sua mãe pegou seu material e copiou tudo no caderno da filha. Serviu-me bolachinhas e achocolatado e depois disto me agradeceu. Guardei os cadernos e fui para casa. Não me recordo de mais nada.

No outro dia quando chegamos à escola a professora nos contou que esta colega havia falecido e chorava muito. Ao sair da escola, passando em frente à sua casa pela porta aberta consegui ver muita gente em pé na volta de um caixão, mas não vi nenhum rosto conhecido.

Não lembro se chorei, só sei dizer que os outros dias na escola foram iguais, a professora passava coisas no quadro eu copiava, nós íamos para o recreio e brincávamos e tudo parecia ter voltado ao normal.

Sempre que passava na frente da casa desta minha colega via a janelinha da porta aberta e ficava curiosa para saber se havia alguém lá.

Certa manhã, a mãe desta menina que havia morrido entrou em nossa sala de aula, conversou com a professora e depois falou conosco. Disse que tivera um sonho com sua filha e que neste sonho ela solicitara que tirasse todo o seu dinheiro do cofrinho e comprasse em bala para dar aos colegas.

Lembro-me que cada um de nós ganhou um embrulho de papel pardo pequeno com balas de vários tipos e eu que não ganhava balas com frequência, comi as balas todas antes de chegar em casa, para evitar dividir com os meus outros irmãos.

Este fato que aconteceu em minha infância e que está guardado em minha memória tem paralelo com o livro “Quando eu era pequena” de Adélia Prado, onde a autora descreve toda a sua infância desde a história do seu nome, até as peraltices que fizera quando era pequena, quase todas elas ligadas as pessoas com quem convivera desde pequena.



Figura 13 - Livro Quando eu era pequena

Em um dos trechos do livro a autora descreve a lembrança do enterro de sua tia:

Mesmo no dia do enterro de tia Severa foi bom até bonito. Mais bonito que bom, todo mundo chorando e dando adeus. Meu pai me sentou na janela e chorava abraçado comigo um choro maior que todos, porque tudo que ele fazia era alto. Ficamos olhando o caixão branquinho sendo carregado até o fim da Rua Comprida, onde ficava o cemitério... (Prado, 2010, p.28)

Prado, nos passa esta clareza de que para a criança a morte é algo normal, simples, sem este sentimento de dor, suas memórias, não são deprimentes ou angustiantes. Apesar de ser um livro longo ele é muito cativante, as páginas mudam e o contexto muda também, há uma sequencia de fatos. Os desenhos são claros alegres como se descrevessem uma infância muito alegre e feliz!

As Ilustrações foram feitas Por Elisabeth Teixeira, que também ilustrou “Até o passarinho passa” De Bartolomeu Campos de queirós. E o que chamou minha atenção foi s riqueza de detalhes, até as folhas caídas no chão estão impregnada de sutilezas.

A história, parece se passar em uma cidade do interior, nas casas há hortas, galinhas, um trem, que passa ao fundo. O pai usa uma fita preta no braço do paletó, simbolizando o seu luto, o cortejo fúnebre ocorre nas ruelas, da cidade, nos fazendo entender que seu velório foi em casa e que depois o defunto foi levado até o cemitério.

Já na história “Vovô foi viajar”, Mauricio Veneza nos conta a história de uma menina que sente muita saudade do seu avô e questiona sua família sobre o que aconteceu com ele, porque não vem mais visita-la. As respostas são sempre de forma evasiva: - ele foi viajar de trem, de avião, foi pro céu. Neste contexto ela busca em suas memórias fatos do cotidiano vividos com seu avô e vai formulando a resposta a si mesma, concluindo que seu avô morrerá, mas que necessitava avisar a família que ainda não havia entendido o que ocorrera.



Figura 14 - Livro Vovô foi viajar

Ela conclui a História de uma forma muito clara do que havia ocorrido com seu avô;

Alguém precisava dizer pra eles.
Mas tinha mesmo que ser eu?
Levantei da rede, suspirei, tomei coragem. Entrei na sala e fui explicar a eles que, de verdade mesmo, meu avô tinha morrido. (VENEZA, 1999, p 23)

A história toda é muito interessante, as desculpas que as pessoas mais velhas dão para não falar sobre o assunto são superficiais, e a menina quando liga os fatos demonstra que a morte é algo muito simples e conclui que as pessoas com as quais ela convive necessitam saber que o avô morreu.

As ilustrações do livro estão interligadas ao assunto, porém há pouca ilustração e muito texto, mas de fácil compreensão.

Na história “O guarda-chuva do Vovô” A autora Carolina Moreyra, conta as memórias de uma menina que vai visitar a casa dos avós. Em uma das visitas o avô, não faz o lanche com a família e quando ela o vê está deitado em sua cama e percebe que ele parece estar menor. Em outra visita o avô não se encontra mais nos seu aposentos, ela

questiona a avó e o seu pai, porém ninguém lhe responde. Ao final da visita está chovendo e a avó lhe dá o guarda-chuva que era do seu avô e ela entende que seu avô morreu.

É um livro econômico quanto ao texto verbal, mas as ilustrações são sugestivas e poéticas, trazendo um ar de nostalgia, mas de forma alguma de tristeza. A capa do livro é toda preta e sem nenhuma ilustração o que nos remete a morte ou ao guarda-chuva, que em geral é desta cor. Apesar das memórias que ela tem do seu avô ser uma pessoa mal humorada as figuras que representam a menina são alegres.



Figura 15 - Livro O guarda-chuva do vovô

6. EXUMANDO OS LIVROS DE LITERATURA INFANTIL

Segundo o dicionário Michaelis on-line, exumação é o “ato ou efeito de exumar; remoção de um cadáver da sepultura; desenterramento; escavação; descoberta, investigação”. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/>>.

Deveria ter uns oito anos mais ou menos quando meu avô faleceu, todos os meus parentes se faziam presentes, alguns chorosos, alguns aflitos e alguns felizes. Inclusive eu que era uma das pessoas que ali estava feliz e curiosa visto que nunca havia participado de um velório em cemitério antes.

Em um dado momento meu pai foi chamado para ir à tumba onde meu avô seria enterrado a fim de assistir a exumação dos restos mortais de um tio falecido anteriormente. Eu que sempre estava grudada no meu pai pedi para acompanhá-lo, movida logicamente pela curiosidade.

Tudo já estava quase que pronto, a cova já estava aberta, o chão parecia varrido, havia umas placas com o nome dele e umas datas, que depois descobri que eram de seu nascimento e morte. Num outro canto estava a foto de meu tio em pé. Quando abriram o caixão vi apenas roupas velhas e uma quantidade de ossos, porém o que mais me chamou a atenção foi a quantidade de cabelo longos que havia no local. Pensei de pronto que não poderia ser meu tio pois ele morrera careca e eu lembrava muito bem deste fato. Fora meu pai quem arrumara o corpo de meu tio para o velório, ocorrido em casa. Na ocasião acabou por raspar todo o cabelo de sua cabeça, pois seu cabelo estava enorme e cheio de piolhos, dizia meu pai. Lembro também que todos falavam que ele era louco e morreu em uma dessas crises de loucura.

É comum que as exumações sejam realizadas para desocupar os nichos e sepulturas que guardam os corpos de familiares falecidos quando do falecimento de outro familiar. No meio arqueológico as escavações de fosseis a muito tempo enterrados são tratadas como exumação de estruturas físicas a muito perdidas e até mesmo desconhecidas.

Resgato a figura da exumação para ilustrar o trabalho de pesquisa, escavação arqueológica de bibliotecas e de descoberta dos temas recorrentes de como a morte vem sendo representada nos livros de literatura infantil. O resumo desta pesquisa está representado na Figura 16 – Gráfico: Temática Recorrente abaixo.

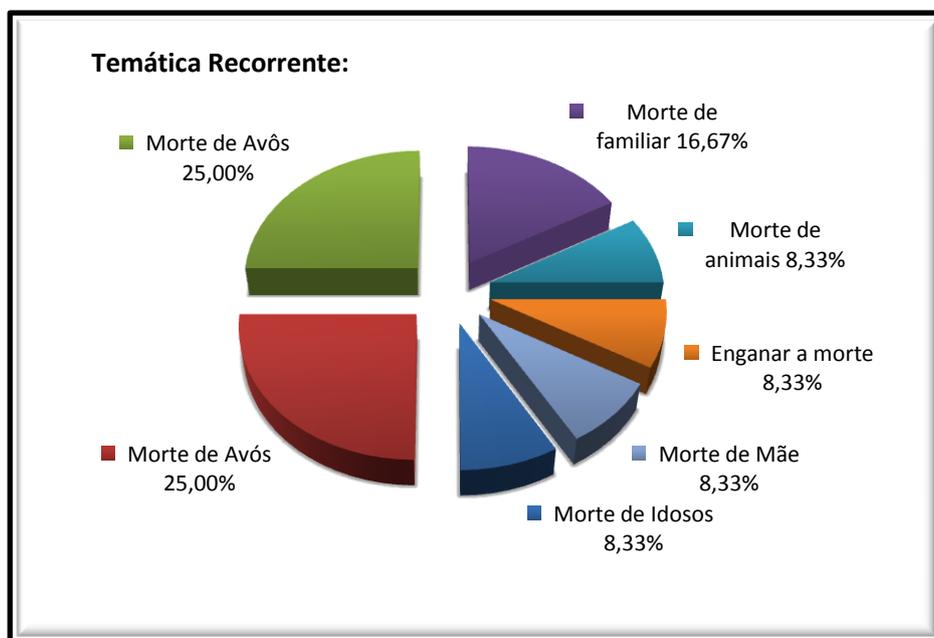


Figura 16 - Gráfico: Temática Recorrente

Dos doze livros exumados, sete livros falam sobre a morte de idosos, como se a morte estivesse atrelada à velhice, privilegiando a morte natural, do ciclo da vida, onde os mais novos despedem-se dos mais velhos que deixam boas lembranças e ensinamentos para as crianças que ficam. Um detalhe interessante, que observei em questão de gênero é que das sete obras, três eram de “avós” que morreram: “O vestido”, “Só um minutinho” e “Vó Naná”. Três eram de “avôs”: “vovô foi viajar”, “O guarda-chuva do vovô” e “O ovo e o vovô” e uma obra era sobre as várias pessoas que a idosa conheceu e que morreram, no livro “A velhinha que dava nome as coisas”.

Dois livros preparam as pessoas para o momento da perda de alguém conhecido da família por morte e de certa forma, instrui a aceitar como algo natural: “Se um dia eu for embora...” e “Quando eu era pequena”.

Apenas uma história fala da morte de um animal com apego sentimental, fazendo a criança entender a morte, em seu mundo solitário: “Até o passarinho passa”.

Um dos livros apresenta histórias em forma de contos, onde todos apenas tentam burlar o fato ocorrido e quando morrem nem percebem que estão cansados de enganar a morte e permanecerem tanto tempo em vida: “Contos de morte morrida”

O livro que me trouxe muita angustia foi “Esperando mamãe” de Lee Tae-jun. É um livro instigante que traz a incerteza da morte e que sugere um tom transcendental de que podemos encontrar a pessoa após a morte. É um livro em que o fim não fica claro permitindo ao leitor a formulação muito mais de perguntas do que respostas. É o único livro que trata da morte relacionada à figura da mãe, algo que ocorre com frequência e tende a ser pesaroso em razão da forte ligação entre a mãe e o filho.

Observando o gráfico percebemos que a morte, segundo os livros infantis pesquisados, está fortemente associada à velhice. Quase 60% da amostra de livros infantis selecionados como relevantes para este estudo tratam da morte de pessoas com idade avançada como os avôs, avós e outros idosos.

7. CONCLUSÃO

As obras analisadas neste trabalho abordam o tema “morte” de diferentes formas. Na sua pluralidade de leitura é que conseguimos lidar com um tema tão profundo e tão necessário.

É muito difícil falar de minha história pessoal de luto, isto talvez fique mais ameno quando utilizo um personagem, uma ficção, um livro de literatura para transferir a dor e superá-la.

A literatura infantil, nas suas diversas formas, falam ao coração. Transformando, quem deseja ser transformado. Falar sobre a morte, não significa, bombardear as crianças com este assunto e sim desenvolver este tema, de uma forma natural, que não exclui os sentimentos de luto, de dor e saudade.

Na verdade nós adultos não sabemos como trabalhar este tema com as crianças. Muitas vezes não abordamos este assunto para nos proteger, como que a morte não fizesse parte do cotidiano Infantil.

Explorar nas obras infantis contemporâneas a temática de perda, morte, luto é confrontar a criança com a realidade em que muitas vezes está inserida, na elaboração deste sentimento e no enfrentamento destas situações vividas.

8. REFERENCIAS

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2008.

BRASIL/Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília2009.

BRASIL/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Indicadores da qualidade da Educação Infantil**. Brasília2009.

BRASIL/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Básicos de infra-estrutura para instituições de Educação Infantil**. Brasília, MEC/SEF, 2008.

BRASIL/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Vol. 1 e 2. Brasília, MEC/SEF, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil/ Secretaria de Educação Básica**. - Brasília: MEC,SEB, 2010.

BESSA, Halley A. **A morte e o morrer**. In: D´ASSMPCÃO, E. (org). **A morte e o suicídio: uma abordagem multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1984.

BUSATTO, Cléo. **A Arte de Contar Histórias no Século XXI**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria- análise- didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CORBUCCI, Regina Célia. **Natureza como alteridade: uma relação possível?** Tese de Doutorado. Centro de desenvolvimento Sustentável, UNB. Brasília/DF, 2005.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a Literatura Infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.

FILHO, José Nicolau Gregorin. **Literatura Infantil, Múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 2009.

GOBEL, ANNA. **Se um dia eu for embora...** Belo Horizonte. Autentica Editora, 2008.

KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte: temas e reflexões**. São Paulo: casa do Psicólogo, 2003.

MARQUES, Mario Osório. **Escrever é preciso: o principio da Pesquisa**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

MORALES, Yuri. **Só um minutinho**. Editora: FTD, 2006.

MOREYRA, Carolina. **O guarda-chuva do Vovô**. São Paulo. DCI. 2008.

MORRIN, Edgar. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Até passarinho Passa.** São Paulo: Moderna, 2003.

PAIVA, Lucélia Elizabeth. **A arte sobre falar da morte para crianças.** Editora: Idéias & letras, 2011.

PRADO, Adélia. **Quando eu era pequena.** Rio de Janeiro: Record, 2010.

PORTO, Márcia. **Um diálogo entre gêneros Textuais.** Curitiba: Aymar, 2009.

ROSA, Cristina Maria. **Escrita, Leitores e História da Leitura.** Pelotas: Ed. Da UFPel, 2012.

RYLANT, Cynthia. **A velhinha que dava nome às coisas.** São Paulo. Brinque Book, 1997

SILVA, Elenir Teresinha Garcia. **Memórias do ler.** Porto Alegre: SMED, 2009.

SILVA. Vera Machado Tieztmann. **Literatura infantil Brasileira: um guia para professores e promotores de leitura.** Goiânia: Cãnone Editorial, 2009

SISTO, Celso. **O vestido.** Rio de Janeiro. Editora Zit Editor, 2009.

SOARES, Magda e Paiva Aparecida (org). **Literatura Infantil e Concepções.** Belo Horizonte. Autentica Editora, 2008.

SSÓ, Ernani. **Contos de morte morrida:narrativas do folclore.** São Paulo. Companhia das letrinhas, 2007.

TAE_JUN, Lee. **Esperando mamãe**. São Paulo. Comboio de corda, 2010.

TORRES, W. C. **A criança diante da morte: desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

VERNEZ, Mauricio. **Vovô foi viajar**. Belo Horizonte: Compor, 1999.

WAJMAN, Simone Schapira. **O ovo e o vovô**. São Paulo. Paulinas, 2001.

WILD, Margaret. **Vovó Nana**. São Paulo. Brinque Book, 2000.